

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.747

Terça-feira, 5 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares—LISBOA—PORTUGAL

TELEFONE—5339-G

Officinas de impressão—Rua de Anatólio, 116 e 117

A educação da criança não pode estar entregue a reaccionários.

A escola deve servir para esclarecer os espíritos e nunca para embrutece-los.

A IGREJA CONTRA AS CRIANÇAS

Muita gente costuma sorrir-se, com ironia desdenhosa, quando ouve falar do perigo clerical. Essa ironia, que sintetiza um grande desprezo pelos padres e, pelos que desprezam o conhecimento dos seus manejos os combatem, serve admiravelmente a causa da igreja.

E' certo que hoje, os padres, principalmente nos dois grandes centros do país, e nalgumas cidades mais populosas, não têm as audiências doutros tempos, nem se lançam abertamente nas suas antigas e rancorosas manifestações de intolerância. Contudo, nos dois grandes centros que obra formidável de captação e evangelização não têm realizado. Não têm conseguido alargar a fé católica pois que o scepticismo, sob o ponto de vista religioso, vai contagiando e fazendo grandes estragos, mesmo entre os fiéis.

Aposar-disso, não deixam de ser consideráveis os esforços que eles têm realizado junto das milhares que por razões que são facilmente compreensíveis cedem mais facilmente às sugestões clericais do que os homens e quanto às crianças... As crianças correm, do facto um grande perigo! E' que se a fé religiosa inculcada a uma criança constitui um absurdo, a educação religiosa é um crime e um perigo.

Foi a educação religiosa que fez degenerar os caracteres, que criou gerações compostas na sua maioria por criaturas, sem coragem, indecisas, dóceis e hipocríticas. Essa educação arreigou-se de tal maneira na maioria dos indivíduos que a receberam, que estes em gráo os seus reviramentos de opinião, não conseguiram anular completamente os estigmas morais contrahidos.

Só quem ignora a influência que a educação pode exercer num indivíduo ou numa sociedade, é que se não alarma quando sabe que milhares de crianças estão sendo educadas por padres e gente ajestuada. O que se está fazendo é repugnante. Explora-se com a triste miséria e com a triste inconsciência dos pais, e a tróica dummas sopas sem grande poder alimenticio e duns farrapos vistosos, vão-lhes embrutecendo os filhos.

Grande Festa Pró-“A Batalha”

A comissão organizadora desta festa, que com o patrocínio do Sindicato dos Impressores Tipográficos se vai realizar no próximo dia 23 no Salão de Festas da Construção Civil, tem trabalhado activamente na sua organização tendo já o programa definitivamente organizado, de forma a poder proporcionar a todos os operários que a ela concorrerem um útil e instructivo passatempo em virtude do carácter das peças que vai levar a scena e dos apreciados números de ventríloquia e ilusionismo.

Assim, de esperar será que todo o operariado a ela concorrendo dá o fim para que se destina, transformando-a numa eloquente manifestação de solidariedade para com o seu intemerato órgão.

Classes que reclamam

Empregados menores do Estado

Pela comissão ultimamente nomeada em assembleia magna foi entregue nas duas casas do Parlamento uma representação em que, fazendo-se avultar as desigualdades na distribuição de vantagens ao funcionalismo, que resultará da aplicação duma proposta do ex-ministro das Finanças sr. Alvaro de Castro, se reclama uma subvenção única para todos os funcionários, em conformidade com o agravamento das condições de vida e sem diferenças hierárquicas, visto estas serem mantidas nos vencimentos de categoria e exercício.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federação METALURGICA

Peniche.—Recebemos officio e di-

abrantes.—Enviamos expediente e

Sindicato do Pôrto.—Segue officio

Comitê do Norte.—Esperamos res-

Sindicato de Vila Real de Santo

António.—Mandem-nos informes com

urgência. O camarada Júlio de Matos

está já em Lisboa.

As cartas de D. Carlos

Publica João Franco em livro 14 cartas do rei D. Carlos

que, sem valerem os 14 pontos de Wilson, só a eles se assemelhando no número, têm contudo um alto valor histórico. Essas cartas dão-nos a figura do monarca, com as suas qualidades e defeitos, e servem sobretudo para demonstrar a sua consciente responsabilidade na ditadura franquista.

Documentos preciosos sob tantos aspectos, não podiamos deixar de os aproveitar para fazermos algumas considerações que eles nos sugerem. Ninguém poderá dizer que inventamos, pois nos reportamos ao que o próprio D. Carlos e o seu áulico escreveram.

Em primeiro lugar temos a frisar este facto, que aliás não é novidade para ninguém: o rei D. Carlos não sabia escrever o português. Diz João Franco a páginas 18 do seu livro: «conhecedor e possuidor das línguas, especialmente do francês e do inglês, por forma que delas se servia como da sua própria». Do francês e inglês do falecido monarca nada sabemos, mas se delas sabia tanto como do português não estava muito bem servido. Acreditamos contudo que alguma coisa soubesse do francês e pela razão seguinte: que as suas cartas parecem por vezes escritas por um francês que conservasse a gramática francesa na construção dos períodos.

Al vai um exemplo: Na carta IX o rei D. Carlos escreve textualmente: «Talvez assim se evitava mais desordens na Câmara». Isto é autêntico francês, que não tem o recurso do conjuntivo. João Franco acode-lhe e ao reproduzir a carta impressa emenda: «Talvez assim se evitasse mais desordens na Câmara». Vê-se que a emenda foi precipitada, pois não houve tempo de pôr o verbo no plural para concordar com desordens.

Para confirmar leia-se a carta escrita a Hintze Ribeiro em que D. Carlos escreve: «não nos fazamos ilusões», tradução textual do francês. O resto das cartas revela a pobreza de vocabulário própria dum estrangeiro que conhece mal a nossa língua. Vejamos por exemplo isto: «Tendo o Presidente de Conselho, cons. Hintze Ribeiro, acabado neste momento, por carta que acabo de receber e por motivos... que de viva voz te exporei, de depor nas minhas mãos a demissão do Ministério e desejando eu que neste momento, te encarregues da formação do novo ministério, desejo que aqui venhas falar-me.» (Carta I). Todas essas repetições não denotam os embaraços em que D. Carlos se via para juntar duas linhas?

Uma leitura seguida dessas cartas deixa-nos uma impressão de monotonia. São sempre as mesmas palavras, as mesmas frases, com a mesma incorrecta pontuação. Se o estilo é o homem, o de D. Carlos é d'ele um retrato pouco lisonjeiro. Ora repare o leitor:

Carta I: «temos, para bem do país, que seguir por caminho diferente daquele trilhado até hoje».

Carta II: «temos que caminhar para deante».

Carta III: «foi um grande passo dado no caminho que queremos seguir».

«...se seguirmos sem hesitações nem delongas pelo caminho que tracamos».

Carta IV: «E' continuarmos pois no mesmo caminho».

«O meu apoio sincero e leal, para seguir neste caminho, é e será sempre completo e absoluto».

NO SUL E SUESTE

A causa dos condenáveis atrazos dos comboios

O desleixo como orientação administrativa—Um aparelho sem utilidade comprado por dezenas de contos—Oito vagões abandonados há quatro anos, à Companhia União Fabril—O pessoal do Sul e Sueste vitima de todos os descabros

Poucos são—como já dissemos—os seguintes casos, sobre a questão das reparações das locomotivas no Sul e Sueste.

O comboio 103 (mercadorias) do dia 31 do p. p. partiu do Barreiro com 5 horas e 42 minutos de atraso, esperando a peça reparada a máquina 112 que havia chegado num outro comboio. E' evidente que esta reparação não se

de Ferro e que são os responsáveis directos de quanto se passa. A Batalha, no p. o. a questão, tem em vista que justiça se faça ao pessoal ferroviário, que trabalha e que se esforça e que o público passe a encerrar a questão dos Caminhos de Ferro sob o seu aspecto económico, não se deixando ludibriar pelas entrevistas e outros meios de comunicação usados pelos dirigentes para justificar a sua acção, nos jornais. Tais entrevistas contêm afinal uma enorme dose de falsidade e são quasi todas elas destinadas a levantar e propagar a desconfiança e a desconfiança, com o intuito de fazer esquecer a realidade e a situação de facto, e a que chamamos «chariot». Adquirido pelo engenheiro electricista—Lima Henriques—este aparelho custou algumas dezenas de contos e a sua utilidade foi efémera. Pouco serviu. Encontra-se abandonado e esquecido no local em que foi montado, coberto de ferrugem e quasi inutilizado. Serviu apenas para justificar mais uma despesa.

O outro é um especimen eloquente do quanto pode uma boa administração. São oito vagões carregados de cinzas, que desde 1920 jazem esquecidos—mas à vista de toda a gente, no recinto da União Fabril, no Barreiro, junto à vedação que aquela Companhia tem ao longo da linha, desde Barreiro-A a Lavradio.

Estes vagões foram para a C. U. F. carregados de carvão em 1920 ainda lá jazem, carregados de cinzas. Há quatro

haja administração e direcção técnica competentes.

Modelos de desleixo e de abandono, são os dois casos que as nossas fotografias de hoje documentam.

Um deles, a aquisição dum aparelho eléctrico, que se fez há anos, destinado a facilitar a composição dos comboios de mercadorias em Barreiro-Terra, passando os vagões dumas linhas para outros e a que chamamos «chariot». Adquirido pelo engenheiro electricista—Lima Henriques—este aparelho custou algumas dezenas de contos e a sua utilidade foi efémera. Pouco serviu. Encontra-se abandonado e esquecido no local em que foi montado, coberto de ferrugem e quasi inutilizado. Serviu apenas para justificar mais uma despesa.

Essa entrevista foi fabricada, apenas, para elevar a pessoa do sr. Pinto Teixeira, que, a falta de melhor competência, tem aquela que o Diário de Notícias lhe emprestou. A Batalha não visa a proclamar as linhas do Estado como em situação de ruína final.

Se o fizesse mentia. A Batalha visa unicamente a provar, com factos, o estado miserável a que estas linhas chegaram, por culpa de quem as tem admi-

responsáveis de tanto descabro. Com os actuals dirigentes não cabe no Sul e Sueste um único homem que queira fazer administração a sério ou que tente sequer levar a efeito qualquer acção prática. Em volta d'ele desenvolve-se a intriga e a calúnia e não conseguiram, a despeito de todos os esforços, vencer os obstáculos que lhe são apresentados. Há, pois, muita incompetência, muita falta de conhecimento da parte dos dirigentes do Sul e Sueste, o que constitui a base fundamental de tudo quanto temos apontado. Mas se é assim, porque se reinde no erro de nomear engenheiros ad-hoc para o Sul e Sueste, apenas com o fim de lhes garantir um lugar remunerado?

E' este um dos pontos principais desta campanha, a atacar por parte dos que querem que os Caminhos de Ferro do Estado sejam uma rede prospera.

Hoje vamos citar mais uns factos, compromissivos de que afinal o Sul e Sueste, veneta numa situação financeira desesperada, por virtude dos processos de administração empregados.

Reforçando o que a Batalha já publicou, apresentamos hoje ao público os

restrado e dirigido, demonstrando aos mesmo tempo que é possível levar esta linha a serem as primeiras do país porque possuem condições especiais que garantem o seu desenvolvimento, especialmente o Sul e Sueste, logo que nelas

A Associação dos Professores de Portugal

inaugurou ontem o seu I Congresso

Foram aprovados os Estatutos e a tese do dr. Adolfo Lima «O Universo e a Vida»

Inaugurou-se ontem, pelas 13 horas, numa das salas da Sociedade de Propaganda de Portugal o I.º Congresso da Associação dos Professores de Portugal, aderente à Associação Internacional do Ensino. Presidiu a sessão o dr. sr. Francisco Reis Santos secretariado pelos sr. Joaquim Tomás e D. Beatriz Magalhães.

São lidas as actas do congresso, da Associação do Ensino e da secção espanhola da Internacional.

O secretário geral expõe a razão de ser da Associação do Ensino e da Associação de Professores de Portugal, sua aderente que consiste em integrar a escola na vida e a consciência humana na consciência universal.

Passa-se à apreciação da tese do dr. Adolfo Lima «O Universo e a Vida» o homem e o fim da educação. Transcrevemos, para identificação do admirável espirito da tese as suas últimas conclusões:

«A Ciência e a Consciência da adaptação do indivíduo humano à Vida são adquiridos pela obra da Educação, que fornecendo o saber científico, isto é, a explicação dos fenómenos, lhe cria, desenvolve e aperfeiçoa as técnicas sensoriais, perceptivas e apercepcionais que o tornam capaz dessa cooperação e adaptação».

O saber científico e as técnicas do êxito da acção humana são adquiridos «dentro» da própria vida dos fenómenos e, portanto, a Educação, sendo um conjunto de acções e reacções, que actuando directa e indirectamente nos indivíduos, preparam, modelam as gerações no sentido das aspirações sociológicas, «deve mergulhar a criança na ambiência cósmica e social, cujos elementos são justamente os factores da própria educação. Portanto:

A Educação deve fazer-se pela Natureza dentro da Natureza; pela Sociabilidade e Solidariedade social dentro da Sociedade solidária—o que leva, pela Escola activa ou social e científica, à auto-educação;

O fim da Educação visa integrar o indivíduo humano na Humanidade e esta no Universo, no conjunto harmónico e solidário da Existência;

O seu ideal está no aproveitamento das condições naturais do fomento da vida colectiva solidamente alicerçada em factos geográficos e étnicos e nas aspirações sociológicas da época».

A tese foi aprovada com uma ligeira emenda de redacção.

A sessão foi encerrada pouco depois das 15 horas.

A 2.ª sessão

A 2.ª sessão, que foi presidida pelo sr. Alvaro Viana de Lemos, iniciou-se às 16.30. Foram lidas saudações da Federação Académica, Industrial e Commercial de Lisboa, Almeida e Costa procede à leitura dos Estatutos de que passamos a reproduzir a respectiva introdução:

«1.º—Em todos os países governados pelo capitalismo, a ciência é uma mercadoria só acessível a poucos. As massas populares estão, por isso, excluídas da categoria das pessoas que têm possibilidade de adquirir os conhecimentos necessários à organização e à direcção da Economia, do Estado e do Ensino.

2.º—A escola da sociedade capitalista serve exclusivamente os interesses das classes possuidoras: por um lado, em virtude da formação de uma camada isolada de privilegiados; por outro, devido à transformação da imensa maioria do povo em massa subjugada intelectualmente e em um instrumento cego do capitalismo.

3.º—Numa tal sociedade, os professores não só não podem ser os portadores de uma cultura superior para a juventude, como até eles próprios ficam num estado de dependência intelectual perante a burguesia, transformando-se em funcionários burocráticos e em mercenários mal pagos ao serviço do capitalismo e do seu Estado.

tejam ou não estejam inutilizados—por- que depois de tanto tempo certamente que o estão—o que cousa alguma significa, é que ainda continuam em poder da União Fabril. Cada vagão desses poderia render ao Caminho de Ferro uma média de 120 escudos por dia. Admitindo uma nova imobilização de dois anos, ficam nos vinte e quatro meses, em que prestariam serviço. Dando ainda de barato que apenas fossem utilizados 15 dias em cada mês, teríamos um ano de serviço consecutivo que dá 309.600.000—ou sejam 25.800.000 por mês ou ainda 860.000 por dia.

Como este caso há muitos outros, numa rede onde as mercadorias apodrecem por falta de transporte e onde as que são transportadas aguardam meses e meses a chegada do material para serem carregadas. Isto também porque o material não é reparado urgentemente, havendo vagões que chegam a estar imobilizados cinco e seis dias por falta—quantas vezes?—duma simples cavi- lha ou porque há demora no fornecimento do material pedido.

Há ainda outros casos de não menor valor para pôr em relevo as causas do caos que existe no Sul e Sueste.

Vejamos este outro.

Quando no Sul e Sueste se reconhece a impossibilidade das suas oficinas gerais darem saída a todo o trabalho de reparação, recorrem-se ao Minho e Douro e para as oficinas daquelas linhas foram enviadas algumas máquinas e vagões. Das máquinas foram enviadas as números 90 e 91. Reparadas, em vez

delas, a direcção do M. D. enviou para o S. S. duas máquinas suas de tipo antigo, as números 40 e 41. Resultado: o Minho e Douro ficou com duas máquinas novas e o Sul e Sueste com mais duas velhas. Os dirigentes do Sul e Sueste não mais se preocuparam com o assunto e estas linhas perderam duas das suas boas locomotivas que foram facilitar o serviço do Minho e Douro.

Isto revela que o Sul e Sueste tem sido o bode expiatório de todo o desarranjo dos Caminhos de Ferro do Estado. Os vagões não mais voltaram.

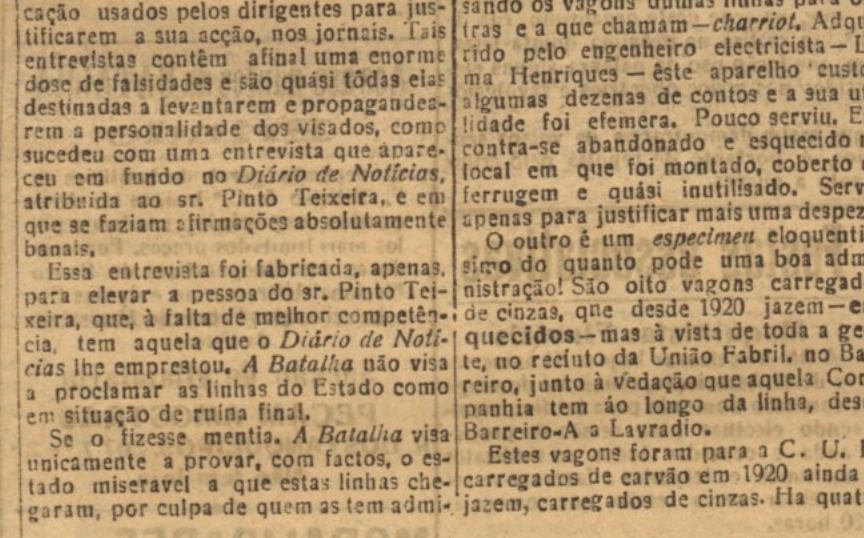
Constantemente acusados de não produzirem, os operários do Sul e Sueste tem sido vítimas do descabro administrativo que existe por parte das entidades que dirigem, o que foi constatado na sua visita às oficinas gerais do S. S. pelos funcionários do Minho e Douro—engenheiro, Tristão de Almeida—chefe do Serviço de Tracção—inspector-chefe, Profirio Fernandes Barbosa—mestres, Jeronimo da Silva e Joaquim Fernandes Barbosa, que categoricamente afirmaram que no Sul e Sueste trabalhava-se com a mesma vontade do que no Minho e Douro.

No entanto, o Minho e Douro produzem e o Sul e Sueste decai. Foram propriamente aquelas entidades que se reconheceram—má administração e pior direcção técnica.

N. B.—Os comunicados que nos foram enviados sobre este tão momentoso assunto serão publicados ou referenciados a seu tempo.



«Chariot» para passar vagões dum linha para outra—abandonado e inutilizado em Barreiro-Terra



Oito vagões carregados com cinzas abandonados na C. U. F.



Oito vagões carregados com cinzas abandonados na C. U. F.

Propaganda contra a guerra

O operariado vimarense aplaude vibrantemente uma conferência de Mário Domingues contra os guerristas e os exploradores

QUIMARÃES, 2.—Conforme a Batalha anunciou, realizou-se ontem no teatro D. Afonso Henriques desta cidade uma conferência pública acerca da grande guerra. O conferente foi o nosso camarada Mário Domingues.

O teatro D. Afonso Henriques, amplo e bem iluminado, uma das melhores casas de espectáculo do país, encontrava-se literalmente cheio. Gente de todas as classes sociais—predominando entretanto, o operariado—ouve, com mais cortez atenção, as palavras do orador, que por vezes, chegou a arrebatá-la multidão a pontos de grandes salvas de palmas cobriram a sua voz.

O orador que foi apresentado pelo camarada João Silva, do Sindicato Unico da Construção Civil, principiou por declarar que não trazia na sua bagagem as palavras de belas, mas inútil, exaltação que os republicanos usavam no tempo da sua propaganda. Trazia apenas a sua sinceridade, factos e ideias.

Entrando no assunto da sua conferência, recordou a grande guerra de 1914 que ceifou milhões de vidas. Disse que houve duas espécies de razões que arrastaram os povos à guerra: uma aparente e falsa, outra real e oculta. A primeira foi o ludíbrio, foi a armadilha em que o povo caiu: a defesa da Liberdade e da Justiça; a segunda foi o interesse mesquinho e reles de alguns classes capitalistas ingleses e alemães. Os direitos sagrados da Bélgica invadida, que a Inglaterra evocou para entrar na carnicina não traduziam um sincero amor à Liberdade dos povos mas a necessidade que a Inglaterra tinha de esmagar a indústria alemã sua poderosa rival. O combate ao militarismo alemão e a libertação da Alsácia-Lorena, que a França agitou para embebedar os franceses de ódio contra a Alemanha eram o mesmo ludo que cobria o desejo que os metalurgistas franceses tinham de apoiar-se do aço alsaciano e do carvão do Ruhr.

Proseguindo, demonstra que o conflito guerreiro que envolveu todo o mundo não visava a libertação humana mas a simples defesa de vários potentados industriais da Alemanha, da França e da Inglaterra. E em holocausto a esses industriais que não se bateram, que não morreram nos campos de batalha, pereceram milhões e milhões de homens, os mais fortes, os mais saudáveis das principais nações do mundo. Pode dizer-se que uma geração humana se perdeu, por conveniência de meia dúzia de cavaleiros sem escrúpulos, noivos à coletividade.

Em seguida, Mário Domingues analisou os motivos que levaram Portugal a entrar nessa contenda que só interessava à Inglaterra, à França e à Alemanha industriais.

Os propagandistas da guerra, os defensores da participação de Portugal na confusão europeia apresentaram duas razões básicas como argumentos supremos a seu favor: a velha aliança luso-britânica e a solidariedade com a França, país da liberdade. Combater ao lado da Inglaterra, diziam os propagandistas, não só é um dever a que nos obriga uma velha aliança, como uma necessidade nacional, porque tanto Portugal precisa de estar bem com uma grande potência, como a Grã-Bretanha, a fim de ter assegurado o seu domínio nas colónias. Portugal, recusando-se a lutar ao lado da Inglaterra, arrisca-se, logo que termine a guerra, a perder o seu império colonial.

A aliança inglesa, afirmou o orador, contestando os argumentos dos guerristas, é uma burla. Não há aliança, porque aliança é um contrato que se faz em igualdade de circunstâncias, e é uma permuta de serviços equivalentes. Há a submissão de Portugal à Inglaterra, há o servilismo inglês, baixo e ridículo. A amizade da Inglaterra, que obriga os portugueses a tratar os seus, a amizade inglesa que, à menor escaramuça intima entre portugueses, nos expulsa do Tejo com os canhões ameaçadores da sua esquadra; a amizade inglesa que rouba as colónias portuguesas; a amizade inglesa que não tem na dependência absoluta da sua libra imperial—não é amizade é tirania.

Os aplausos da numerosa assistência estruíram ovando-o sempre de apoiados vibrantes.

Mário Domingues, prosseguiu impetuosamente, atacando com energia serena, esmagadora. Quanto ao desejo de se manter um vasto império colonial, não o podemos admitir, diz, como um argumento decisivo. É preciso verificar-se principalmente se Portugal tem ou não direito de manter um império colonial, se tem ou não competência para desenvolver e fazer progredir as suas colónias, se há ou não o direito de qualquer país, por mais rico e adiantado, manter sob o seu domínio outros povos, embora mais atrasados, Portugal não tem força, nem competência colonizadora para possuir colónias tão vastas. A miséria da sua administração verifica-se a cada hora, não apenas nas colónias, que vivem uma vida de fetiche, mas dentro do próprio país onde a agricultura é uma miséria, a indústria uma ficção e a administração pública uma falência. Quanto ao argumento de se combater, ao lado da França democrática, o militarismo alemão, é um contrasenso, porque nunca se combateu o militarismo militarizando um país, nunca se combateu o assassinato com o assassinato, nunca se derribou a educação esmeralda, educando o povo na caserna—e os crimes de Silva, filho da caserna, dão-nos razão com toda a sua trágica eloquência.

As últimas palavras do orador foram aplaudidas por palmas de indiscutível entusiasmo.

Após uma curta pausa o orador passou à análise do problema interno da democracia política e social e da falência das actuais instituições. Recordou as promessas dos candidos republicanos no tempo da monarquia: o desenvolvimento ao ensino, a protecção à infância, as oito horas de trabalho, a extinção da carceres da vida, a protecção aos operários e operárias, a liberdade de pensamento, a moralidade na administração pública.

Não é preciso, disse, ser-se de ma cultura muito elevada

CRÓNICA DO PORTO

Os polvos insaciáveis

A Companhia Carris e a Câmara preparam um novo convénio ou seja mais um assalto à bolsa do público

PORTO, 3.—O primeiro patricio português Severiano da Silva, fortemente enriquecido na Companhia Carris de Ferro que possui carros que causam nojo ao turismo—quer mais dinheiro, isto é, mais uma vez, inflar a besta dos passagheiros aos repetidos impetos de ganância estúpida.

Como sempre, manifestou a sua vontade imperiosa aos ilustres burgueses do antigo Porto do Bispo, os quais não vão ao muito contrário da imperial solicitação.

On a Companhia Carris... não fôse a Companhia Carris.

Avança-se a opinião «critérica» de que a Companhia Carris se deve dar elementos de vida, mas uma vida láta, fastuosa, opulenta e robusta. E para que a sua vida, tão anémica, tão doilológica, tão estúpida, possa adquirir umas tais condições de saúde invejável—o principal patrono do sindicato da Boavista requereu à Câmara, na sua qualidade de carilento médico, uma transfusão de sangue público para as suas avarias da Companhia Carris.

E por esta vontade e severidade consultou o José da Silva não leva vantagem, como vintem não leva pela «lindosa» operação. Simplesmente pede que o município lhe conceda os necessários aparelhos concessionários para a expansão periódica anelada.

para se verificar que a administração pública é mil vezes mais imoral na república do que o foi na monarquia; que relativamente à instrução, a república criou universidades e liceus, mas isso não debelou o analfabetismo, porque não se criou a instrução popular; esta encontra-se mais abandonada do que nunca, as escolas derriuem pela província, os professores são obrigados a deixar o seu nobre mister porque o Estado lhes falta a dever os vencimentos e andam à boa vida, passando necessidades, 4.000 professores primários, que não têm escolas onde empregar a sua actividade. A protecção à infância nunca existiu, por toda a parte se vêem menores cruelmente crucificados no trabalho das oficinas; as oito horas de trabalho são as próprias autoridades da república que obrigam os operários a trabalhar; a imoralidade na administração pública é flagrante, porque os ministros, os deputados, os homens públicos como Afonso Costa e Cunha Leal, por exemplo, os de maior prestígio e valor mental, estão enfiados a Bancos e Companhias exploradoras que levaram o país à ruína.

O programa republicano foi vergonhosamente traído. As grandes Companhias roubam ao povo e o Estado, e ficam impunes. Protegem-se Bancos em estado de falência, como o Ultramarino, porque este tem como advogado o dr. Afonso Costa; protegem-se monopólios poderosos, como o dos Tabacos, porque os monopólios e os republicanos estão interessados na sua manutenção. E assim, enquanto o grande homem, o dr. Afonso Costa, digere em Paris o Portugal ordenado do Banco Ultramarino, o povo, em Portugal, digere as ameixas da guarda republicana. (Fartos aplausos).

A república que esqueceu o padrão da igualdade, mantém a maior das desigualdades sociais, protegendo os ricos contra os pobres. A igualdade só se pode alcançar modificando a sociedade de forma a que não haja uma legião de ociosos vivendo à custa dos que trabalham. Não queremos a morte do burguês, não odiámos o homem, odiámos a sua situação iníqua. Pretendemos que haja só trabalhadores, com direitos perfeitamente iguais. Para isso preparamos a socialização da terra e dos meios de produção, criando uma sociedade de trabalhadores manuais e intelectuais que vivam em igualdade económica—porque só depois de alcançada a igualdade económica se obtém a igualdade política.

E para se alcançar essa harmonia, essa paz, essa igualdade, é preciso que todos os trabalhadores se unam formando em todo o mundo uma nação aparte, a nação dos trabalhadores em guerra aberta—a única guerra legítima—contra a nação dos parasitas, dos ociosos, dos capitalistas.

Assim terminou, pelas 23.30 horas, Mário Domingues, a sua conferência que teve início às 21.30. A multidão retirou em ordem, saltando vivas à Batalha e à Confederação Geral do Trabalho.—C.

Um protesto do Sindicato dos Confeiteiros do Porto

PORTO, 3.—Este sindicato, reunido ontem em sessão magna, associando-se à grandiosa manifestação de protesto que realizou esta semana o proletariado de todo o mundo, pronunciou-se também energicamente contra a guerra mundial e as possibilidades de novas guerras, aprovando o seguinte protesto:

«Considerando que a guerra, monstro abominável que se alimenta de sangue humano, é o maior flagelo que pode ferir a humanidade; considerando que a guerra só serve para defender os interesses das classes dominantes—Estado, Capitalismo e Militarismo—sendo sempre uma negação de todos os princípios de liberdade e afastando as possibilidades da nossa emancipação; considerando que o operariado deve, portanto, opor-se energicamente contra a ameaça de novas guerras, estudando e fazendo desaparecer as causas que determinam as mesmas:

A classe dos Artistas Confeiteiros e Artes Correlativas do Porto, reunida em sessão magna na semana em que passa o 10.º aniversário da guerra mundial, resolve também: 1.º, Pronunciar-se abertamente contra a propaganda e fins do militarismo, qualquer que seja a sua cor, e protestar contra os seus monstruosos crimes; 2.º, A propaganda militarista opor à propaganda libertária, no sentido de estabelecer definitivamente a paz entre os homens, considerando a existência humana só pátria—o Universo—e uma só família—a Humanidade».

Operários corticeiros de Lisboa

Os operários corticeiros de Lisboa, reunidos em assembleia geral, entre outros assuntos resolveram apoiar francamente a decisão do protesto iniciado pela Confederação Geral do Trabalho contra todas as guerras.

Nun breve mas enérgico discurso, Joaquim Silvestre, muito pôs a assembleia ao corrente das pretensões do capitalismo internacional, que, sem respeito pela vida dos trabalhadores, julga possível novas guerras, porque não lhe bastando a que ensanguentou o universo, prepara nova carnicina para mais se lucrar, e exorta por fim todos os trabalhadores a estarem de talhada e a não se esquecer do apelo que a C. G. T. acaba de fazer.

Centro Comunista Libertário do Porto

Convidam-se os trabalhadores portuenses e em especial os revolucionários sociais, a assistir a uma sessão de protesto contra a guerra, que, na sede deste organismo, rua de Entreparedos, 33, 3.º, se realiza na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, e em que fará uso da palavra alguns elementos muito conhecidos nos meios operários e revolucionários.

A sessão, pois, que assim demonstrareis os vossos sentimentos humanitários, e, portanto de repulsa pelo crime hediondo que representa a guerra.

Festas associativas

Maquinistas Fluviais

A fim de celebrar hoje o XI aniversário desta Associação, reunio no domingo a comissão nomeada para tal fim, resolvendo efectuar uma sessão de propaganda e convidar todos os sindicatos marítimos e terrestres a fazerem-se representar nessa sessão, que começa às 20 horas.

A MORAL DE CIMA...

Uma aristocrata que dava abraços para roubar...

VIENA, 4.—O tribunal de Graz condenou a seis meses de trabalhos forçados uma dama da primeira sociedade vienense, a condessa Alice Conradine, esposa do coronel Louis Conradine.

Era acusada de roubos de perolas e grande valor. Dava frequentes festas em sua casa, e quando se despedia das senhoras abraçava-as com tal arte que conseguia desprender dos colares das suas vítimas as perolas que ambicionava e que no dia seguinte ia vender.

Entre as pessoas roubadas contam-se a condessa Herbslein e a baronesa Haeel.

pandando furtivamente as finanças, mas as mehores probabilidades de narcotizar o Zé pagante, para que ele não possa sentir muito o forte aguilhão que lhe veio entrar nas carnes... de cavalheiros assim como a Câmara não deixou transpirar a natureza do requerimento de rescisão, também ba de ter cuidado de não nos dizer qual o verdadeiro alcance do projectado convénio.

Arrequecidos, entretanto, as calças, porque aí vem molho.

C. V. S.

Vida Sindical

C. G. T.

Secção de Unões

Reúne hoje, pelas 21 horas, essa secção, devendo comparecer todos os delegados ao conselho confederal que representam Unões de Sindicatos.

U. S. O.

Conselho de delegados

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para apreciar a questão da habitação.

CONVOCAÇÕES

Federação do Calçado, Courros e Peles.—Reúne amanhã, às 20.30 horas, a comissão administrativa.

Condutores de Carroças.—Para tratar de assuntos da máxima importância reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa, sendo imprescindível a comparencia de todos os seus membros e o secretário geral.

Empregados de Escritório.—Proseguem activamente os trabalhos de catalogação de livros para a inauguração de gabinete de leitura, iniciativa em que a actual direcção está empenhada e que espera ser recebida pelos sindicatos com o interesse que merece.

Para a coadjunção que se torna necessária, solicita-se a comparencia e a assiduidade do vogal desta Direcção.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Secção profissional dos pedreiros.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para tratar de um assunto de grande interesse para a classe. Sendo esta a 2.ª convocação é indispensável a comparencia do maior número possível de pedreiros.

Convidam-se os camaradas sem trabalho que estão inscritos, a comparecer hoje, pelas 21 horas, para efeito de colação.

Descarregadores de Mar e Terra.—Para tratar de assuntos de interesse para a classe, reúne hoje, às 20 horas, com a comparencia do maior número de sócios.

Impressores Tipográficos.—Reúne hoje, às 21 horas, a direcção deste sindicato.

Rafinadores de Açúcar.—Reúne hoje às 19 horas, a assembleia geral para tomar conhecimento dos trabalhos realizados pela comissão de «sismarques» sobre a regulamentação do fabrico do açúcar.

Inscritos marítimos (Personal de Camarões).—Reúne hoje em assembleia geral, pelas 20 horas para tratar dos seguintes trabalhos:

Discussão do regulamento interno do sindicato; apreciação da questão das camaradas expulsas depois do último movimento; nomeação dos delegados ao 3.º congresso marítimo.

Dada a importância destes assuntos, devem os componentes da classe comparecer no maior número possível.

S. U. Metalúrgico.—Realiza-se na próxima sexta-feira a assembleia geral com a mesma ordem de trabalhos da última convocação.

Operários calceiros.—São convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral para a direcção fazer a sua declaração de posse dos delegados encontrados ao reorganizar-se o sindicato.

Federação da Construção Civil.—Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal para apreciar diversos expedientes; tomar deliberações sobre a execução a dar das resoluções do Congresso no respeitante à tese «Sindicatos Unidos de Indústria e levantamento moral da organização e ocupar-se novamente de trabalhos a executar em harmonia com a tese «Crise de trabalho e de habitação».

S. U. da Construção Civil (Conselho técnico).—Reúne hoje, pelas 21 horas, este conselho para tratar de um assunto de inadiável resolução, sendo necessária a comparencia de todos os delegados, tanto electivos como suplentes.

Aos ass nantes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lençóis de F. Ribeiro & C.º Innova faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços. Fornece: lençóis das Cooperativas do Banco Nacional Ultramarino e dos estabelecimentos fabrico do Ministério da Guerra.

Secção de alfaiataria

PEÇAM AMOSTRAS

R. DOS FANQUEIROS, 267, 1.º e 2.º

Não tem loja

MORALIDADES

Sr. redactor.—Sabemos de fonte segura que a Companhia dos Telefones Injectou a Provedoria da Assistência pela importância de cento e sessenta e cinco escudos e noventa e cinco centavos, relativos ao aluguer do telefone 3370.

Não, no ano económico de 1924-1925. Sendo este telefone o da residência do sr. Pais Abranches, que nenhuma função oficial desempenha na Provedoria, nem fora dela, lembra-nos perguntar porque motivo continua este senhor a possuir telefone à custa da Provedoria?

Ora o sr. Pais Abranches já não é provedor há mais de um ano, segundo nos consta... muito embora tenha ainda amigos dentro da Provedoria que, certamente por costume adquirido, o não ainda como Provedor.

Mas se já não é Provedor, cremos que é ainda aquele opulento e desinteressado funcionário, cuja moralidade não apegamos nem se por... ele próprio? E sendo assim não sabemos como desculpar sua Ex.ª visto que, sendo tão rico como é e tão desinteressado e honesto como praticava, muito mal lhe ficaria gastar em proveito próprio e de direito da Provedoria—e é ele tão pouco?—e que pertence somente aos pobres...—Um vigilante.

Nov o toletim da 4.ª página

Eden Teatro

HOJE, às 21.45 da noite

A graciosa e popularíssima revista

VIDA AIRADA

O mais atraente dos espectáculos

Gargalhada permanente

nos desopilantes quadros

Na lá-baa—Casamento de Zumbá

PREÇOS POPULARES

TEATROS & CINEMAS

A reprise de «A Severa»

Por um lamentável esquecimento não nos referimos na nossa última critica a esta peça, ao trabalho bastante correcto do actor Calazans, que compoz com bastante discreção o tipo de «D. José».

Também nessa critica se diz ao apreciar as peças «A Severa» e «O Lodo» (linha 41 da 1.ª columna) «embora o caracter e frivolidade» quando o que se deve dizer é: embora o caracter e a frivolidade.

Depois de haver realizado uma recte interessantíssima no teatro do Club José Aveleiro de Casilhas, onde ficou colocada uma lápide homenagem a Maria Matos, a companhia desta ilustre actriz estreou-se anteontem no teatro Ferreira da Silva, em Torres Vedras, com a peça «A Inimiga», tendo tido todos os artistas a mais entusiástica recepção e sempre oferecidos a Maria Matos lindos ramos de flores pelo Grupo Dramático Regionalista daquela villa. Ontem representou-se a peça «Malvaloucas» e hoje, despedida da Companhia, «O Cabeço de Turcos», segundo amanhã para o Bombaral, onde vai realizar três espectáculos.

Noticias

Depois de haver realizado uma recte interessantíssima no teatro do Club José Aveleiro de Casilhas, onde ficou colocada uma lápide homenagem a Maria Matos, a companhia desta ilustre actriz estreou-se anteontem no teatro Ferreira da Silva, em Torres Vedras, com a peça «A Inimiga», tendo tido todos os artistas a mais entusiástica recepção e sempre oferecidos a Maria Matos lindos ramos de flores pelo Grupo Dramático Regionalista daquela villa. Ontem representou-se a peça «Malvaloucas» e hoje, despedida da Companhia, «O Cabeço de Turcos», segundo amanhã para o Bombaral, onde vai realizar três espectáculos.

Reclames

Interrompida ontem torçadamente a peça do dr. sr. Júlio Dantas «A Severa», voltou hoje a scena no Nacional para ganhar mais uma formidável enchente tanto as últimas que tem registado o elegante teatro desde a sua primeira representação, constituindo o espectáculo mais sensacional da presente época e que produz o mais notável sucesso dos últimos tempos.

O mais alegre espectáculo da actualidade é o do Eden, com a revista «Vida Airada» de Impregavel Gomes, da Trindade, com Oleo de Carvalho, Jôia de Assunção, Artur Rodrigues e Jorge Rolão mantém o público em constante gargalhada, no quadro do «Casamento de Zumbá».

Adelina Fernandes, Luiza Durão, Indite de Sousa e mais artistas assim como Bill Baiy no «marinheiro americano» são também todas as noites, aplaudidíssimas.

Agremiações várias

Grémio do Minho.—No próximo dia 10 realiza-se o anunciado passeio fluvial a Vila Franca, São João e Traralva devendo nesta localidade realizar-se o «pic-nic», um desafio de futebol, cantigas regionais, etc. Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na sede do Grémio, rua da Mouraria, 27, 1.º e em vários estabelecimentos de minhotas.

Núcleo de Estudos Sociais.—Em sua reunião de 21 do m. p. este núcleo, entre a apreciação de vários assuntos de carácter organizativo, elegem os seus corpos gerentes, que ficaram constituídos: Assembleia geral: Presidente, José M.ª Costa Júnior; Vice-presidente, José A. Rodrigues; Comissão Administrativa: Secretário geral, Bernardino Reis Azevedo; Secretário adjunto, Manuel A. Rodrigues; Tesoureiro, Manuel J. Costa.

Aparelhadores e Encarregados das Obras Públicas.—Reúne este organismo em assembleia geral, para apreciar uma proposta de lei, que se aprova, entrega à Assistência Pública os inválidos e despede mestres e operários das obras, quando a Direcção o entender fazer. Foi aprovado que a comissão de melhoramentos, em conjunto com o Conselho de Secções do Sindicato Unico da Construção Civil, entregue aos deputados e senadores as endeadas a introduzir na proposta de lei, de modo que as pessoas possam a ser pagas pelo Instituto de Seguros Sociais Obratórios e não pela Assistência, salvaguardando de futuro a situação dos mestres e operários que trabalham nas obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Também foi aprovado que em virtude de a cobrança de cotas não fazer face às despesas, a direcção depois do estudo feito sobre o seu estado financeiro, apresentasse à sanção da próxima assembleia geral uma proposta de aumento de cota, para maior desenvolvimento moral e material deste organismo.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promovida por esta Secção, previnem-se todos os camaradas inscritos para pagarem até o próximo dia 8, pois tendo de comprar-se os bilhetes no dia 9 é preciso saber ao certo qual os camaradas que tomam parte.

Núcleo do Porto.—Secção da Carris.—Na sua sede, rua dos Vazelleiros, 273, 1.º, realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma sessão de propaganda para a qual se convidam a assistir todos os jovens militantes e a classe operária em geral.

Secção de Campo de Ourique.—Sendo já no próximo domingo que se realiza a excursão a Sintra, promov

Foi resolvido iniciar sessões de propaganda partidária na área da freguesia sauder *A Bataíha*.

This image shows a blank, aged, light brown page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a textured, slightly mottled appearance with some minor discoloration and faint, darker spots, characteristic of old paper. There is no text or other markings on the page.

This image shows a blank, aged, light brown page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a textured, slightly mottled appearance with some creases and discoloration, characteristic of old paper. There is no text or other markings on the page.

2

Boa Noite, pelas 12 horas, o operário pedreiro Daniel Severino, que há um ano matou em legítima defesa o delator António Duarte.

This image shows a blank, aged, light brown page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a textured, slightly mottled appearance with some creases and discoloration, characteristic of old paper. There is no text or other markings on the page.

los. — Pedidos pelo telefone: C, 2456.
Vicente Ribeiro & C.ª — Rua dos Pa-
oneiros 41.

Responde amanhã, no 2.º distrito, Boa Hora, pelas 12 horas, o operário pedreiro Daniel Severino, que há um ano matou em legítima defesa o delator António Duarte.

zesse lhe aumentasse mais na renda.

postos no domicílio em sacas de 45 quilos.— Pedidos pelo telefone: C. 2456.
Vicente Ribeiro & C.^{ta}—Rua dos Pa-
oneiros 42.

— Caíra debaixo dos nossos machados, Sigefrido; eles são bem pesados e têm bons gumes...

— Ao menor movimento, que um toque de clarim dê o signal de rebate no burgo... e logo estaremos aqui.

— Boas precauções, Sigefrido, mas escusas. A ponte foi tirada, e demais, o lódo dos fossos é tão profundo, que um homem que tentasse a passagem desapareceria imediatamente... Finalmente, não há estranhos no burgo; nós somos, contando com o séquito do rei, mais de trezentos homens armados...; quem tentaria libertar esses cães? não estão eles, além disso, tão incapazes de andar como uma lebre com as quatro patas cortadas?... Repito-te, Sigefrido, que essas precauções são boas, nós a seguiremos, mas serão escusas...

— Vigiem sempre cautelosamente até amanhã, dia do suplicio desses malditos; é só uma noite que têm de passar mal.

— Passal-a-hemos alegremente a beber e a cantar! Com que então vai muita alegria na sala do banquete, Sigefrido?

— O sol de maio derrete menos o orvalho do que os nossos bebedores enxugam os tonéis cheios; e as montanhas de comestíveis desaparecem nos abismos das barrigas...; já se não fala, grita-se; mais tarde não gritarão, berrarão! Os leudas de Chram faziam-se graves ao principio; mas agora escancaram a boca até as orelhas para rir, beber e comer... São, entretanto, bons e alegres companheiros; o ciume da nossa parte tinha-nos irritado contra eles; essa rivalidade afogou-se no vinho, e ainda há pouco na sua embriaguez o velho Betefredo, dando monstruosos arrastos, abraçava chamando como uma bezerra, um dos jovens guerreiros do séquito real, e chamava-lhe seu querido filho.

— Ah! ah... que bela scena...

— Enfim, para completar a festa, diz-se que acabam de introduzir no burgo um pelotiqueiro com um urso e um macaco. Néroweg propoz este divertimento ao rei Chram e o mordomo acaba de dar ordem de mandar

entrar o homem e os animais na sala do banquete. Vou depressa para casa a fim de gozar também do divertimento.

— Feliz Sigefrido! vais ver o urso e o macaco!

— Prometo-lhes, rapazes que depois do rei se ter divertido com o pelotiqueiro, pedirei ao conde que mande para aqui o homem com os animais...

— Sigefrido, tu és um bom companheiro!

— Mas vigiem bem os presos!

— Descansa e bebe socegado!... Agora, vamos ao vinho e à caça! enquanto não chega o homem, o urso e o macaco, bebamos o liquido a saúde do bom rei Chram e de Néroweg!

A alâmpada de ferro, pendurada por baixo da parte saliente do arco do antigo ergástulo, alumia as suas proximidades e os grupos de francos, que comem, riem e bebem da parte de fora; esta alâmpada, alumia também a entrada do subterrâneo, fechado com barras de ferro, dardelha a sua vermelha e vacilante claridade sobre os presos gauleses, reunidos não longe da abertura desta prisão, cuja profundidade permanecia em trevas.

Junto da grade do ergástulo, a pequena Odilla, deitada no chão, com as mãos cruzadas no seu seio de quinze annos, como uma defunta que vai a enterrar, tinha também a palidez da morte; sentada junto dela, a bispa, sempre formosa, ainda que pálida e emagrecida, sustinha nos joelhos a cabeça da menina e contemplava-a com os olhos de mãe... Ronan, com as pernas embrulhadas em trapos, com as mãos carregadas de algemas de ferro, incapaz de estar em pé ou de joelhos e sentado não longe das duas mulheres, encostado às paredes do subterrâneo, lança sobre Odilla um olhar não menos apiedado do que o da bispa; o eremita lavrador, amarrado como seu irmão, de quem partilhava a tortura, está sentado junto dele e mostra-se comovido à vista dos disvelos que a bispa prodigaliza à pequena escrava, a qual parece moribunda.

— Morre, pequena Odilla! dizia Ronan, morre,

minha menina...; tu serás queimada viva, e mais vale morrer da ferida que fizeste a ti mesma com valorosa, mas débil mão, quando há um mês me julgaste morto!

— Polbre pequena! a comoção desse dia extenuou-lhe as forças... Vê, Ronan, como o rosto dela se torna cada vez mais livido!

— Abençoemos essa livida palidez, formosa bispa; ela anuncia uma morte próxima... e essa morte salvará a pobre menina das dores do suplicio; não a livrou já a sua ferida das brutalidades do conde e da tortura de hoje?... Morre, morre, pequena Odilla, nós reviveremos em outra parte! Livre, tu serias minha mulher na Vagraria, se ahiuisses a isso, porque já te amava ternamente pela tua meiguice, pela tua formosura, e pela desgraça e vergonha que te feriram ainda tam nova, criança inocente mesmo depois da tua desonra!... Morre, pequena Odilla... Tam verdade como eu e meu irmão, receio menos o suplicio do que ver-te queimar viva, visto que serei o ultimo a morrer... Ah! se eu não tivesse as pernas neste estado, arrastar-me-hia até ahi; se não tivesse as mãos acorrentadas, afogaria-te com mão previdente do mesmo modo que nossas avós, as gaulesas de outro tempo, matavam seus filhos a fim de os subtraírem ao castigo! Formosa bispa! tu, que tens os braços livres, não poderias estrangular pouco a pouco essa querida menina? O leve sopro de vida que ainda a anima em breve se extinguiria!

— Já pensei nisso... Ronan, mas não me atrevo...

— Mas se por ventura Odilla sobreviver, a sorte dela será igual a tua... Ouve, despil-a-hão diante dos francos! e será agitada por eles!

— Cala-te... Ronan...; a cor sobe-me ao rosto!... Para mim, que sou mulher, é esse o pior dos suplicios...

— O teu marido bispa bem sabe isso...; como sabia também que a tortura de hoje e faria perder uma parte das forças necessárias para suportares o suplicio de amanhã; por isso benignamente te poupou...

assental-as-hão depois, a cada uma de per si, em cima de uma estaca aguda. Ah já me esquecia...; antes do suplicio da estaca, arrancar-lhes-hão o bico dos seios com tenazes em brasa. Finalmente, serão lançadas na fogueira ainda vivas... A tortura é como vês, graduada infinitamente! e não queres tu, visto que o pôdes fazer, subtrair a ela essa criaturinha?... Ah! decides-te enfim... as tuas mãos aproximam-se do pescoço da pequena Odilla... Vamos, não tenhas fraqueza! lembra-te de nossas avós... matando os filhos a quem elas tanto queriam... Mas que! hesitas!... as tuas mãos tremem!... choras!

— Não me atrevo...; não me atrevo...

— Coração covarde!!!

— Eu! covarde?... não...; se ela fosse minha filha...

— E' justo, Odilla, é para ti uma estranha...; não podes querer-lhe bastante para que te resolvas a matar-a. Devemos, Loysik, perdoar a bispa aquela falta de ternura...

Nesta ocasião a pequena escrava faz um movimento, solta um leve suspiro, levanta um pouco a cabeça, os seus olhos abrem-se, procuram em primeiro lugar Ronan... fita-os nêle e no fim de alguns instantes diz-lhe com voz fraca:

— Ronan... a noite já passou, porque eu vejo claridade.

— Não é o dia, minha filha, é a luz da alâmpada que arde; as tuas forças parecem extenuadas.

— Sonhava... que minha mãe me embalava no seu colo cantando-me o bardo de Hêna; e que depois me dizia chorando: «Odilla, és tu, a quem vão queimar...» Então acordei e julguei que já era dia...

— Ah! Ronan! como tarda o dia de amanhã! e esse suplicio! esse suplicio! quanto tempo durará ele... quando a dor não seja tão forte, que eu morra logo...

— E tu não tens pena de morrer?

— Ronan, eu quiz matar-me quando te julguei morto...; estás sentenciado como nós o estamos, já não tenho pai nem mãe! de quem terei eu pena neste

Calçado A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos cal preto, forma brôa, cujo valor é de 70\$00
a 60\$00 sapatos de verniz, de cotados, para senhora, cujo valor é de 75\$00
a 70\$00 botas cal preto cano de côr, forma da moda, 2 solas corridas, cujo valor é de 90\$00
a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00
a 55\$00 sapatos de cal côr da moda, cujo valor é de 80\$00
a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e botas, muito mais baratas quequalquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Todos devem assinar

Os mistérios do povo

Para conseguir cabeleiras assim



Usa o

Oleo de Mão de Vara

Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexíveis e evitando a caspa. 50 annos de venda asseguram os seus bons efeitos.

Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Pertumaria Mendonça

43, CALÇADA DO COMBRO, 47 LISBOA

Armazém do Barateiro de Sapadores

MAIS BARATO QUE CASA

RETROZEIRO

Evaristo Ferreira Baptista Júnior

Rua Sapadores, 143-A a 143-D — GRACA

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L. da

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegraphico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13 — LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções, Marcenarias, Tanoeiras, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bidés, Autoclismos, Banheiras, Esquentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de barro e grés, Vasos, Pirâmides, etc.

Drogas, tintas, Aguar-das, Resina, Produtos Químicos, Enxofres, Sulfato de cobre, Carboretos, etc.

Materiais primas para indústrias.

Papel para embulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Ladrilhos para pavimentos e isolamento de tubos.

ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS

Rua 24 de Julho, 148 — Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cantoneiras, Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fundição, Chumbo em barra e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Gordêiro Bandeira, Antimónio, Alumínio, Carvão, etc.

Rua Vasco da Gama, 34 — Telefone 2950

Secção de Ferragens e Ferramentas, Fechaduras, Machas-ferrões, Pregos, Parafusos, Molas, Martelos, Formões, Plainas, Serras Brocas, Verrumas, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.,

Rua do Comércio, 9 a 13 — Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumarias, Alvaide, Clorofo de cal, Potassa, Carboreto, Grudes, Esponjas, Tintas, Secantes, Vernizes, Especiarias farmacêuticas, Químico, Eter, Iodo, Bismuto, Iodeto, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc.

Rua do Comércio, 1 a 5 — Telefone 178 C.

Agência no Porto

243, RUA DO ALMADA, 245

A

grande baixa de calçado

só com o lucro de 10%

MA - SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30\$00

Sapatos em verniz 38\$00

Botas pretas, (grande salto), 48\$50

Botas brancas, (salto), 28\$00

Grande salto de botas pretas 58\$50

Botas de côr para homem 46\$50

Não confundir a SOCIAL OPE-

RARIA com outra casa.

Vê bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERARIA é na rua

dos Cavaleiros, 18-20, com Filial

da mesma rua n.º 69.

Madeiras de pinho SOALHOS,

forros, tas-

quia, barrotes, etc., sempre em depósito.

Recebem encomendas. Preço de cons-

trução de todos os números. Pedir pre-

ços, a Empresa Industrial de Pregaria,

Lda., de Avellã, de Caminho.—Anadia.—

Estação de Mongeforos.

Caminhos de Ferro do Estado

3.º Aditamento à Tarifa de Des-

pesas Acessórias

Tendo sido modificadas, pela lei n.º

1.633, publicada no «Diário do Gover-

no», n.º 159 (1.ª série) de 17 do cor-

rente, as taxas de imposto de selo es-

tabelecidas pelo decreto n.º 7.772 de 3 de

Novembro de 1921, fica, desde 21 de

Julho de 1924, anulada a parte que se refere ao imposto de selo, a ta-

belha publicada por esta Administração

em 3 de Abril do corrente ano, em 2.º

aditamento à Tarifa de Despesas Acces-

sórias.

Desde a indicada data de 21 de Julho,

o imposto de selo, tanto para passagieiros

como para qualquer outros trans-

portes, é invariavelmente de 500 sobre

os preços de transporte em Portugal,

excepto para as bagagens sem peso ex-

cedente.

Continua em vigor, na parte relativa

ao imposto de Fundo Nacional de As-

istência Pública, o disposto no 2.º ad-

itamento à Tarifa de Despesas Acces-

sórias.

Lisboa, 20 de Julho de 1924

Engenheiro sub-director

Celso Amaral

AOS CAÇADORES

Espingardas de todos os

fabricantes

e todos os acessórios

Representante da ma-

ravilhosa espingarda

A UNICA QUE MATA A

100 METROS e concentradores

para 300 metros

Grande depósito de sementes da antiga

CASA VERSCHOORE

JOÃO FERREIRA BRAGA

Escadinhas de Santa Justa, 96

OURO

Barato

Grande sortimento

de cordões, correntes e

mais objectos de ouro

Só vende barato

A OURISSARIA

Correia & Moura

Rua S. Paulo, 186

LISBOA

(Próximo à Casa da

Moeda)

Alfaiataria

VITORIA

Santos & Pereira

Rua do Bemfornoso, 118

Variado sortido de fazendas

nacionais e estrangeiras dos

melhores fabricantes —

Confecções para homens

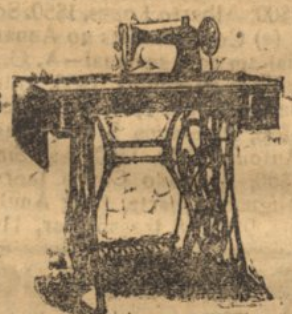
senhores e crianças

FATOS A FEITO

DESDE 180\$00

OS ECONOMICOS DEVEM

VISITAR ESTA CASA



Manuel José Alvaro Brás

e António de Sousa

Antigos empregados da Comp.ª

SINGER

Continuam a receber as ordens de

todos os seus clientes e amigos no seu

estabelecimento com um grande sor-

timento de máquinas de costura e re-

lógios de sala dos melhores autores, pe-

ças soltas, óleos, algodões e sedas para

bordar. Concertam-se e afinam-se má-

quinas de costura. Bordadora habilitada

a dar lições de bordados às nossas

Ex.ªs Clientes. Desde já agradecem a

todos os seus amigos e clientes uma vi-

sita a esta casa. Tomam-se encomendas

para a provincia.

246, R. do Benfornoso, 246-A

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azu-

leijos, cimento

GOARMON & C.ª

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

TELEF. C. 1244 — LISBOA

OURO, PRATA e JOIAS

COMPRAM-SE

POR ALTO PREÇO

na Rua da Palma, 82

Pedras para isqueiros

BRANCAS de 5 mjm, is-

queiros, rodas, molas, etc.

Nova remessa.

Vitorino, Lda.

Rua da Prata, 98, 2.º

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico,

Gotoso, Articular, Artfri-

: tico, Muscular :

“Reumatina”

24 horas depois não tem